

O PSICÓLOGO NA ATENÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS E PERSPECTIVAS

Vinicius Araújo da Silva¹; Jonathan Fon Garcia²; Flávio Alves da Silva³; Wilma Magaldi Henriques⁴

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: vini22as@gmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: jonathanf.g@outlook.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: flaviosilva@umc.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmahenriques@hotmail.com

Área de Conhecimento: Psicologia

Palavras-Chaves: Psicologia; Atenção Básica; Atenção Primária em Saúde; SUS; Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

Atenção Básica em Saúde (ABS), também denominada como Atenção Primária em Saúde (APS), caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde realizadas, tanto individualmente quanto coletivamente, abarcando a promoção e proteção da saúde, prevenção, reabilitação, redução de danos e agravos, diagnósticos e tratamentos, tendo como intuito fornecer uma atenção integral ao sujeito, que se reflita nas condições de saúde e de autonomia das pessoas. Além do nível primário, o Sistema Único de Saúde (SUS) possui ainda dois níveis de atuação: o secundário, que é responsável por atender demandas relacionadas ao agravamento da saúde, exigindo profissionais especializados e recursos mais avançados; e o terciário, que diz respeito à um procedimento ainda mais complexo, no qual a especialização dos profissionais, as tecnologias e os custos, são mais elevados (CINTRA, BERNARDO, 2017;). Para a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS (2019), é na atenção básica que cerca de 80 a 90% dos problemas de saúde da população são atendidos, oferecendo uma atenção integral. Porém, a inserção de psicólogos na ABS é historicamente recente, logo, trata-se uma profissão nova na saúde pública brasileira, uma vez que só foi inserida em tal âmbito a partir da década de 90 (BOING E CREPALDI, 2010). Tal situação impõe o desafio de refletir, registrar e sistematizar práticas de psicólogos no âmbito da atenção básica, discutir sua presença, bem como seus processos de formação. Este estudo partiu da hipótese de que a inserção do profissional de Psicologia na Saúde Pública, em especial na Atenção Básica, ainda é um campo prático permeada por incertezas sobre o papel do psicólogo, considera ainda que a formação de psicólogos privilegia o desenvolvimento de profissionais liberais, com foco em saberes e práticas clínicas, em detrimento da formação de profissionais para atuarem no Sistema Único de Saúde, o que gera dificuldades para os profissionais e usuários e limita as possibilidades de atuação do psicólogo.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral identificar e analisar as principais práticas de profissionais psicólogos que atuam no âmbito da Atenção Básica/ Primária do Sistema Único de Saúde, e como específicos: a) identificar os recursos e técnicas utilizados no atendimento oferecido à população adstrita aos equipamentos nos quais o profissional de psicologia atua; b) verificar como se dá a construção da rede de Atenção Básica em Saúde, suas portas de entrada, programas e relações de referência e contrarreferência; e c) identificar as dificuldades e potencialidades do trabalho do psicólogo na Atenção Básica.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, que se utilizou da metodologia da História Oral de Vida, conforme o proposto por Meihy (1991). A pesquisa foi executada com entrevistas abertas com os psicólogos, a partir da seguinte questão disparadora: *“Pode nos contar sobre sua experiência na atuação na rede de atenção básica de saúde enquanto psicólogo?”* O estudo foi submetido e aprovado pelo CEP/CONEP (CAEE: 16585619.3.0000.5497 e Parecer CEP/CONEP: 3.658.837) Foram participantes do estudo 10 (dez) Psicólogos com plena atuação na rede de Atenção Básica de Saúde na Região da Grande São Paulo. Como critério de inclusão, se fez necessário o desempenhar da função de psicólogo na rede de atenção básica de saúde há pelo menos dois anos. Foram excluídos os participantes que, apesar de nomeados como psicólogos no equipamento, não desempenhassem funções diversas da de psicólogo e sem contato direto com a população usuária do serviço de saúde, ou seja, profissional em desvio de função. As entrevistas foram transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas e, neste processo, marcou-se as palavras-chave que continham a questão da pesquisa e, nos resultados, foram dialogadas com a literatura e as impressões dos pesquisadores.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os participantes são de diferentes cidades da região metropolitana do Estado de São Paulo, estão identificados pela letra “P”, seguido de um número específico para cada um, a fim de manter preservadas suas identidades. Analisando os relatos dos depoentes, pode-se identificar um padrão nas falas sobre suas atuações enquanto psicólogos na atenção básica: *“Em relação a minha atuação, eu posso dizer que é bem diversificada”* (P9); *“Na atenção básica você acaba trabalhando com diversas demandas, de diversas idades, de diversas situações e sintomas”* (P6); *“Somos contratados para atender qualquer demanda, seja criança, adolescente, idoso, homens, mulheres, enfim, tudo”* (P4). Os profissionais parecem considerar suas práticas diversificadas, pois atendem vários tipos de demandas, porém, conforme Rocha, Almeida e Ferreira (2016), pensar uma atuação diversificada não se resume a isto, mas sim em promover formas de cuidado diversas, levando em conta os aspectos subjetivos do usuário, sem se tornar “escravo” de uma prática ritualística e mecanizada. A simples utilização de técnicas distintas não necessariamente expressa o caráter de uma atuação diversificada, pois, ainda assim, podem ser aplicadas de uma forma mecânica. Então, como identificar se uma atuação é de fato diversificada? Se faz necessário entender não somente quais técnicas, mas também os princípios que norteiam estes profissionais: *“A gente tem que voltar pro SUS, para as leis, para as partes de direitos sociais, pra poder trabalhar [...] Não tem como ficar só com uma técnica, exige muita criatividade”* (P1). Deste modo, o fazer psicológico na atenção básica não é, tão somente, um amontoado de regras, técnicas ou ações propostas por um protocolo, pois, mais importante do que a intervenção em si, é a capacidade do psicólogo em compreender e refletir sobre o seu papel dentro deste contexto. Além disso, é necessário problematizar também a formação do psicólogo, pois esta deve ser socialmente comprometida (RECHTMAN e BOCK, 2019), mas não excludente, pois é um profissional que atenderá sujeitos com diversas demandas, de diferentes classes sociais, compreendendo e analisando as nuances de cada situação, atuando em consonância com os princípios do SUS, entre eles a Universalidade. Ainda segundo Rechtman e Bock (2019), há um movimento de reforma se instalando nos cursos de psicologia do país, ampliando matérias e estágios que contemplem essa temática, dando ferramentas para que os alunos possam, minimamente, compreender: *“na própria grade de formação da universidade onde eu estudei, hoje tem matérias voltadas para saúde pública, na minha época não tinha.”* (P5). Para além das noções de clínica, o SUS oferece outras ferramentas próprias da saúde pública, uma delas é a articulação entre os diferentes níveis atenção, equipamento e serviços, formando assim uma rede que tem sua maior porta de entrada na atenção básica (FAGUNDES e

DEUSDEDIT, 2016): *“Falar também da importância do trabalho em rede. Nem tudo fica na atenção básica, mas tudo deveria ou tudo acaba passando pela atenção básica”* (P6); *“Se o paciente chega, e precisa de atendimento psiquiátrico, por exemplo, a nossa referência é o Centro de Saúde II”* (P3); *“Geralmente, quando entra em crise, às vezes tem que encaminhar para hospitais, por exemplo, entra na UBS e é caso grave e precisa do hospital, a gente encaminha”* (P10). Estas falas mostram um ponto muito importante: nem todos os casos são contemplados unicamente pela atenção básica, por este motivo se faz necessário que o psicólogo tenha conhecimento sobre a construção da rede de saúde, pois é uma grande ferramenta que possibilita a construção de um cuidado ampliado. Ao se discutir sobre as práticas do psicólogo nesse âmbito, não se pode simplesmente manter as atenções centradas somente no profissional, pois além dele, as políticas públicas e os projetos voltados para a saúde de modo geral, influenciam muito. Segundo Souza (2020), a emenda constitucional 95, que foi instituída durante o governo Temer e mantida no atual governo, que congelou investimentos em vários setores públicos, gerando assim, um corte de quase R\$ 20 bilhões de reais na saúde em 2019, com perspectivas piores para os próximos anos. Este processo de desmonte e desarticulação de políticas públicas e redução da oferta de equipamentos e serviços já encontra ressonância nas falas e perspectivas dos psicólogos que estão inseridos nesse contexto: *“um período bem complicado, várias políticas públicas sendo diminuídas, serviços sendo fechados”* (P6); *“A gente está num momento de desmonte, de desmantelamento total”* (P4); *“O SUS é tripartite, verba federal, estadual e municipal, o NASF vai funcionar com verba estadual e municipal, boa sorte! Não teremos mais a verba federal”* (P8). Quando os dados são cruzados com as falas de profissionais atuantes na saúde pública, fica nítido que há uma política pública de desmonte do SUS e, neste contexto, pode-se achar um paralelo com a história de Geni, uma personagem da música de Chico Buarque (1979). Na letra, Geni é achincalhada por todos da cidade, mas ao se deparar com uma situação onde apenas a dama poderia salvá-los, os cidadãos lhe imploram por socorro, no entanto, após se livrarem do perigo, ela volta a ser atacada. Com o SUS, seguem a mesma lógica, sempre atacado, mas com o advento da pandemia, está sendo glorificado. O questionamento que fica é: será que o SUS terá o mesmo fim?

CONCLUSÕES

Ao refletir sobre as falas dos depoentes, pode-se chegar a uma ideia de que não há uma atuação específica para o psicólogo na atenção básica, mas sim que esta pode se dar das mais variadas formas criativas que fogem da ideia de uma prática clínica com um *setting* tradicional. A principal característica é a prática em saúde pública seja pautada pela ética e pelos preceitos e diretrizes do SUS (universalidade, integralidade, equidade, conhecimento de toda a rede de atenção, clínica ampliada, matriciamento, etc.), que priorizam a construção de um saber horizontalizado, onde o usuário é a principal parte da sua própria produção de saúde. Outro apontamento importante é em relação a formação que, no geral, ainda segue presa à esta lógica de um fazer psicológico mais tradicional, o que por vezes, acaba sendo excludente. Além disso, uma noção política se mostra de forma muito importante para o psicólogo enquanto profissional do SUS, pois suas práticas são atravessadas por políticas públicas, então é preciso saber pelo o que, e a quem, se deve reivindicar. Acredita-se que este estudo atingiu os objetivos a que se propôs alcançar, e que ele nos permite uma reflexão sobre a práxis psicológica no contexto da Atenção Básica em Saúde, sobre os processos de trabalho, sobre as ferramentas disponíveis para o trabalho do psicólogo, sobre a importância da participação política nos espaços decisórios de formulação de políticas públicas, assim como refletir sobre a formação sem Psicologia e os compromissos sociais da profissão. Este estudo não permite generalizações, mas levanta informações importantes sobre a prática psicológica na APS, neste sentido, sugere-se a realização de novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOING, Elisangela; CREPALDI, Maria Aparecida. O psicólogo na atenção básica: uma incursão pelas políticas públicas de saúde brasileiras. **Psicol. cienc. prof.**, v. 30, n. 3, p. 634-649, Sept. 2010.

BUARQUE, Chico. **Geni e o Zepelim**. 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jWHH4MlyXQQ>. Acessado em: 10 de set. 2020.

CINTRA, Marcela Spinardi; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Atuação do Psicólogo na Atenção Básica do SUS e a Psicologia Social. **Psicol. cienc. prof.**, v. 37, n. 4, p. 883-896, dez. 2017.

FAGUNDES, E. C.; DEUSDEDIT, M. Jr. Matriciamento em saúde mental na atenção primária de saúde: o papel do psicólogo no desenvolvimento de ações de matriciamento na atenção primária de saúde envolvendo serviços de saúde mental. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 35 - 55, 1 dez. 2016.

MEIHY, J. C. S. B.; **Canto de morte Kaiowá, história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Folha informativa: Atenção primária de saúde**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5858:folha-informativa-atencao-primaria-de-saude&Itemid=843. Acesso em: 12 maio 2019.

RECHTMAN, Raizel; BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do Psicólogo para a Realidade Brasileira: Identificando Recursos para Atuação Profissional. **Psic.Teor. e Pesq.**, v. 35, e3551, p.1-10, 2019.

ROCHA, Matheus Barbosa; ALMEIDA, Maysa Milena e Silva; FERREIRA, Breno de Oliveira. Possibilidades de atuação profissional do psicólogo no âmbito da atenção básica em saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 1, p. 117-123, 30 mar. 2016.

SOUZA, Marina Duarte de. Orçamento da saúde perdeu R\$ 20 bilhões em 2019 por conta da emenda do teto de gastos. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/orcamento-da-saude-perdeu-r-20-bilhoes-em-2019-por-conta-da-emenda-do-teto-de-gastos>. Acesso em 21 fev. de 2020

AGRADECIMENTOS

Ao professor Flávio Alves da Silva, pelas orientações, parceria e, principalmente, grande apoio na realização desta pesquisa. À professora Wilma Magaldi Henriques, que contribuiu imensamente e foi fundamental neste projeto. Aos colegas do grupo de pesquisa, companheiros neste percurso. Aos psicólogos que aceitaram fazer parte desta pesquisa. Aos familiares, pelo carinho, apoio e compreensão durante todos os momentos que se deram neste projeto de pesquisa.